

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v14i31.3767>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



FUNCIONÁRIO E HOMEM-MASSA: A TIPIFICAÇÃO DE VILÉM FLUSSER E ORTEGA Y GASSET DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

Employee and mass man: Vilém Flusser and Ortega y Gasset's type of contemporary man

José Maurício de Carvalho
Centro Universitário Presidente Tancredo Neves

Resumo: Este artigo apresenta a compreensão que Ortega y Gasset e Vilém Flusser tiveram do homem contemporâneo e de suas dificuldades. Ambos comentam um momento histórico onde a enorme maioria dos homens revela pouca preocupação e responsabilidade com seu destino e singularidade pessoal. Os dois filósofos enxergam um homem pouco comprometido com a excelência, superficial no trato com as coisas e sem aderir a um código moral como foi comum em outros momentos da história. Um outro aspecto importante dessa tipificação é que o conceito minoria de Ortega e o funcionário de Flusser não se referem à classe social, eles resumem uma maneira de viver. Esse tipo predominante e descrito por ambos tem na sociedade uma função bem definida. O homem-massa de Ortega e o funcionário de Flusser apesar dessas semelhanças, possuem significativas diferenças. Para Ortega, a função exercida pela minoria é uma especialidade, uma missão para a qual alguém precisará estar excepcionalmente qualificado, enquanto para Flusser a minoria é um grupo que ocupa pequeno espaço na vida social e tem pouco peso no destino do grupo. A apresentação desse homem contemporâneo pelos dois autores permitirá entender a compreensão que tiveram das suas dificuldades e do que precisam fazer para superá-las.

Palavras-chave: Homem-massa, Funcionário, Ortega y Gasset, Vilém Flusser, Filosofia.

Abstract: This article presents the understanding that Ortega y Gasset and Vilém Flusser had of contemporary man and his difficulties. Both comment on a historical moment where the vast majority of men reveal little concern and responsibility for their destiny and personal uniqueness. The two philosophers see a man little committed to excellence, superficial in his dealings with things, and without adhering to a moral code as was common at other times in history. Another important aspect of this typification is that the concept of a minority by Ortega and Flusser's employee does not refer to social class, they summarize a way of life. This predominant type, described by both, has a well-defined function in society. Ortega's mass man and Flusser's employee despite these similarities, have significant differences. For Ortega, the role played by the minority is a specialty, a mission for which someone will need to be exceptionally qualified, while for Flusser the minority is a group that occupies little space in social life and has little weight in the group's destiny. The presentation of this contemporary man by the two authors will allow us to understand their understanding of their difficulties and what they need to do to overcome them.

Keywords: Mass Man, Employee, Ortega y Gasset, Vilém Flusser, Philosophy.

1. Considerações iniciais

Neste artigo consideramos dois conceitos fundamentais nas filosofias de Ortega y Gasset e Vilém Flusser. São eles o de *homem-massa* do primeiro e o de *funcionário* do segundo. Com essas formulações os dois filósofos procuram caracterizar o homem

contemporâneo e apontar seus dilemas. Em ambos falta a esse homem o comprometimento moral com a excelência ou com o melhor que a humanidade pode produzir.

Para desenvolver o tema vamos mostrar como ambos entenderam a sociedade contemporânea e sua crise, compreensão que partilham. Mostraremos as razões que apresentam para a crise contemporânea e o tipo de homem que a criou. Vamos considerar ainda que ambos usam conceitos semelhantes, mas os empregam sentido diferente como maioria e minoria. Apontaremos ainda o que ambos propõem para o enfrentamento dessa crise e, no final, apontaremos as dificuldades presentes em suas análises.

Trata-se de um artigo de caráter filosófico e que utiliza a análise como estratégia metodológica e o método comparativo para contrapor a caracterização do homem contemporâneo pelos dois pensadores.

2. A sociedade e a pós história

Entender o homem contemporâneo, seus desafios e como é sua vida é o grande problema atual. Para tal temática nos trouxe o pensamento contemporâneo desde que Emmanuel Kant estabeleceu limites para os voos metafísicos da razão e Martin Heidegger em *Ser e Tempo* apertou os contornos da razão transcendental para o enfrentamento dos tradicionais problemas filosóficos (STEIN, 1997, p. 105):

Postos esses limites, não se pode mais responder a nenhuma dessas questões a que correspondem as três perguntas nas obras de Kant: a) que posso saber – Crítica da Razão Pura; b) que devo fazer? – Crítica da Razão Prática; e c) que me é dado esperar? Kant colocou que a metafísica resolveria esses problemas se conseguisse responder a pergunta que é o homem?

Para responder à pergunta sobre o homem temos que começar pela noção de sociedade na obra de Flusser para depois entender como ele tipifica seu integrante identificado como: funcionário ou programador. O ponto de partida de sua análise é a crise contemporânea da cultura. Como quase todos os filósofos contemporâneos, ele entende que vivemos numa sociedade em crise. Essa crise se mostra num tempo oco parecido aos dias do barroco, quando (FLUSSER, 1983, p. 9): “a vacuidade que ressoava nos seus passos (do homem barroco) era a do vazio debaixo do palco.” Hoje em dia Flusser considera que o vazio social é diverso, não é mais teatral. Debaixo de nossos pés há outro vazio que o mesmo do tablado do teatro. Agimos como o criminoso que quer apagar o mal feito de cujo exemplo mais terrível é o campo de Auschwitz. O campo de concentração é produto característico de nossa cultura (id., p. 11): “o inaudito em Auschwitz não é o assassinato em massa, não é o crime. É a reificação derradeira de pessoas em objetos uniformes, em cinza.” A razão é que, por trás do campo de extermínio, a contemporaneidade colocou para funcionar um aparelho capaz de transformar o homem num objeto, retirando dele sua singular humanidade olhando-o como um funcionário de um aparelho.

Assim sendo, resta o desafio de superar o caminho torto da objetivação das pessoas que surge em organizações sociais contemporâneas que atuam como caixas-pretas. Essas organizações funcionam segundo uma programação que desumaniza e que, a partir de certo momento, escapa (id., p. 14): “ao controle dos seus programadores iniciais.” A crise emerge então porque (id., p. 15): “perdemos a fé na nossa cultura, no chão que pisamos; isto é, perdemos a fé em nós mesmos.” Então a transformação do homem em coisa promoveu a desconfiança na humanidade do homem.

Para Ortega, a sociedade contemporânea vive igualmente uma crise. A razão é que a massa assumiu o comando da sociedade e tornou-se a protagonista da história, sendo que ela não é qualificada para esse papel, pois isso é que é próprio da minoria. Uma sociedade tem, portanto, a massa e minorias. Essa não é uma divisão em classes sociais, mas uma referência ao comportamento moral dos indivíduos em relação a suas tarefas existenciais. É a falta desse compromisso com a excelência que está na raiz da crise

contemporânea. Uma sociedade, avaliava Ortega, (CARVALHO, 2011, p. 132): “não é uma massa homogênea. O grupo social é formado de múltiplas minorias, ideia fundamental porque não é contrária à democracia, a não ser a um tipo específico, a democracia das massas. A existência das massas estava na origem da crise do ocidente vivida naqueles dias.”

O homem-massa orteguiano é, portanto, um tipo de homem médio que vive nesse tempo e é a matéria-prima da multidão que forma a massa. A multidão nunca antes pretendeu dirigir a história, mas agora ela quer, ela se tornou (ORTEGA Y GASSET, 1994, v. IV, p. 145): “visível, instalou-se nos lugares preferidos da sociedade.” A multidão sempre foi parte do tecido social, mas agora, e essa é a razão da crise ela (*ibidem*): “adiantou as baterias, é ela o personagem principal. Não há mais o solista, só há o coro.”

Assim como para Flusser, Ortega entendeu que a crise de hoje é inédita, nunca houve outra semelhante na história, ela (*id.*, p. 149): “é, (...) uma absoluta novidade.” A raiz da crise é que as massas perderam o respeito pelas minorias (*id.*, p. 151): “não as obedecem, não as seguem, não as respeitam, mas, pelo contrário, as deixam de lado e as suplantam.” Pode-se dizer que se rompeu o juízo de épocas mais tranquilas onde a sociedade resulta de (PIMENTEL, 1998, p. 159): “um equilíbrio dinâmico sustentado pela exemplaridade da minoria seleta e pela obediência da massa dócil. Esse equilíbrio é o eixo sobre o qual se ergue toda a vida humana, seja a vida pessoal ou a vida histórica.”

A crise ganha corpo quando a massa deixa de ser dócil. Ela age desumanamente e promove a destruição da sociedade não somente porque objetiva o homem, mas porque age por impulso destrutivo (ORTEGA Y GASSET, 1994, v. IV, p. 179): “abandonada à sua própria inclinação, a massa, seja o que for, (...) tende sempre, por afã de viver, a destruir as causas da sua vida.” E a razão dessa destruição é que esse homem que se expressa no sindicalismo ou fascismo (*id.*, p. 189): “não quer dar nem quer ter razão, mas, impor suas opiniões.” Dessa forma, ele deixa de lado os princípios éticos que apontam para a excelência e são trágicas as consequências (DACAL, 2001, p. 275): “a decadência da sociedade e a apoteose do coletivo.” Essa guinada para o coletivo se vê na emergência dos governos totalitários como o bolchevismo e ao nazifascismo que representam (ORTEGA Y GASSET, 1994, v. IV, p. 204): “um claro exemplo de regressão substancial.” O homem vulgar, através de um *duce* ou *führer*, (*id.*, p. 207): “resolveu governar o mundo.” Ortega confiava que esses movimentos exprimiam (CARVALHO, 2009, p. 20): “forças negativas, razão porque não acreditava em sua permanência no cenário político. Por esta razão, afirmou em *Espectador VI* que ambos: “são movimentos especialmente transitórios, o que não quer dizer que durem pouco” (p. 504). A meditação orteguiana mostra que o estudo das experiências autoritárias é fundamental para a proposição de um sentido para a vida social, pensá-las é fundamental para qualquer povo.”

Ortega y Gasset se convenceu que esses governos totalitários, notadamente o nazifascismo que se espalhou pelo ocidente nas primeiras décadas do século passado, reduzia a autodisciplina e o autodesenvolvimento pessoais. Isso porque a entrega da vida a um guia, *duce* ou *führer* não retira da vida suas características, isto é, (MARIAS, 1991, p. 246): “o homem todo é inseguro e problemático.” E, assim procedendo, não tirava da vida seu caráter problemático e ambíguo, mas reduzia a excelência do horizonte vital e contribuía para o fortalecimento de uma hiperdemocracia que é o governo das massas.

3. A sociedade de massas e seu integrante para Ortega y Gasset

Há, no pensamento orteguiano, uma proposta de tipificação do homem contemporâneo que guarda semelhança com o tipo funcionário de Flusser. Trata-se do homem-massa. As semelhanças não escondem, contudo, significativas diferenças. Como dito acima, Ortega enxergou o homem de hoje o responsável e o produto de uma sociedade em crise. Em outras palavras, toda sociedade tem massa e minorias, o homem-massa é um tipo único na história e típico da maioria contemporânea. Ele desenvolveu esse tema em *La rebelión de las masas*, onde abordou a transformação na vida da sociedade devido ao

surgimento de um homem diferente dos anteriores, dono de (LAVEDÁN, 2001, p. 223): “um novo perfil psicológico e moral (...) que aparece na sociedade ocidental nos começos do século XX, resultado do crescimento do nível de vida.” Um tipo diferente, uma verdadeira anomalia dos dias atuais. A atual sociedade de massa é (GRAY, 1994, p. 215): “carente de consciência de classe, como um estranho conglomerado amorfo, baseado na natureza mesma do homem-massa”.

A obra é fundamental para entender a crise de cultura e as dificuldades do século passado. Nela explicitam-se os três males da sociedade europeia daquele momento (id., p. 216): “a ameaça de um igualitarismo radical, a democratização do gosto das massas e a decadência das estruturas hierárquicas.” Ortega aprofundou esses problemas anunciados, uma década antes, em *España Invertebrada* e em *Vieja e nueva política*. A tese fundamental da obra é que (CARVALHO, 2017, p. 227): “a sociedade de massas corresponde a uma nova forma de barbárie que se instalava no ocidente no século XX. O processo provocou uma crise de civilização com a desorganização da vida social e política.”

Parece necessário começar por uma caracterização desse homem-massa infantil e ela pode ser feita assim (CARVALHO, 2018, p. 270/1):

Um homem maduro sabe que somente pode ter aquilo para o qual se empenhou e que a circunstância suporta. O homem-massa não faz assim. Ele quer ter boa vida, aproveitar os benefícios da civilização, mas não quer se esforçar para preservar a natureza, nem aprimorar os cômodos da vida. Ele quer que o mundo lhe seja dado pronto, como uma criança que espera dos adultos tudo o que deseja para viver. Eis o que diz Ortega y Gasset sobre o que aspira esse homem-massa. Ele quer (ORTEGA Y GASSET, 1994, v. IV, p. 208): “as comodidades, a segurança, em suma, as vantagens da civilização”. Essa criança grande não percebe que os benefícios da vida exigem empenho e esforço e somente existem hoje tais bens porque, nas gerações anteriores, houve quem se dedicasse arduamente a criar esse mundo que hoje está aí para ser usado. Ortega o compara também a um (id., p. 213): “senhorzinho satisfeito que é aquele tipo que sabe que certas coisas não podem ser e, sem embargo, finge com seus atos e palavras a convicção contrária”. Por isso, o homem-massa vive no autoengano, ele permanece fazendo de contas que as coisas podem ser de uma forma que ele sabe que não podem. Como vimos continua poluindo o planeta mesmo sabendo que muitos males advirão disso. Seu comportamento infantil se assemelha ao do cínico na antiga Grécia. O cínico nunca fez nada para a sociedade, e pregava contra o esforço, mas sabia que não seria escutado e não esperava mesmo sê-lo. Ortega diz que o homem-massa pouco se esforça porque acredita que os benefícios da civilização não faltarão e que sempre haverá alguns que lutarão por um mundo melhor, independente de seus esforços.

Esteban identificou na *Meditación de la técnica* um aspecto mencionado por Ortega que completa as observações da *Rebelión de las masas*. Ele observou que Ortega, na *Meditación*, indica que a crise de cultura têm também origem no projeto cultural de (ESTEBAN, 2001, p. 219): “de converter a técnica mesma no objetivo último da vida, ter a técnica como razão vital.”

Na *Rebelión de las masas*, a explicação para a crise está essencialmente na atitude das massas que, ao contrário de outras épocas, desejou assumir, sem possuir qualidade para tanto, o protagonismo da vida social. Isso significa que em épocas mais comuns a massa aceitava a direção da minoria, pois (ORTEGA Y GASSET, 1994, v. IV, p. 221): “a massa não atua por si mesma (...) veio ao mundo para ser dirigida.” E os problemas surgem quando a massa pretende (id., p. 222): “atuar por si mesma que é, pois, rebelar-se contra seu próprio destino e como é isso o que ela faz agora, falo da rebelião das massas.” Portanto, pode-se dizer que (DACAL, 2001, p. 273): “A mencionada rebelião consiste simplesmente em que as massas não querem ser massas.” Logo, o homem-massa não é apenas um integrante da massa, mas alguém que tem características diferentes dos integrantes da massa de outros tempos. Ele se rebelou contra quem tinha a missão de fazê-lo crescer e de promover o desenvolvimento da sociedade.

Apesar dessa realidade, Ortega é otimista quanto à possibilidade de reverter o rumo dessa rebelião. Ele acredita que é possível sair da crise, educando esse homem rebelde e convencendo as minorias comprometidas com a excelência a reassumir o destino do mundo. O destino da minoria é, pois, executar com entusiasmo e dedicação uma tarefa histórica, oferecendo o melhor de si. Quando ela procede assim, torna-se um exemplo para os demais homens que elevam seu nível histórico ao imitá-la. A minoria realiza o esforço da vida nobre, conduzida com exigência, deveres e dedicação. Ela (LAVEDÁN, 2001, p. 228):

Está marcada pelo esforço luxuoso dirigido ao serviço de um projeto, isto é, pela disposição pessoal ou natureza que se manifesta numa forma de vida dedicada em geral, dirigida com entusiasmo e alegria para alguma ilusão, e não por mais ou menos talento, habilidade ou realização. Isso virá, se vier, porém mais tarde.

Quanto ao desafio de cada indivíduo singular, o essencial é ser o que se é, seguir a própria vocação ou ser fiel ao núcleo mais íntimo de si. Se assim fizer o indivíduo ele integrará alguma das muitas minorias da sociedade. Essas minorias têm características específicas começando pelo compromisso com a excelência. Portanto, sua marca não é física, mas espiritual. Sua realidade humana (ESTEBAN, 2001, p. 216): “Há de ser inventada e, por isso, se postula a imaginação como faculdade, como o órgão que constitui e através do qual se promove o programa de uma vida.”

A minoria precisa estar comprometida com a fidelidade a si e ser sincera nesse compromisso de fidelidade. Isso a faz diferente da maioria, que é insincera com o núcleo mais íntimo de sua personalidade. Por que não se compromete com a verdade de si mesmo, o homem-massa pouco se esforça, quase nada cria e pouco consegue retirar de si mesmo. Ele acredita ou se ilude que (id., p. 218): “a posse das coisas é um direito que prossegue sem mais do que a livre expansão de seus desejos.” Isso o transforma numa criatura superficial que não tem nenhum compromisso com o sentido de sua vida. Ortega compara esse homem-massa, que acha que o mundo está aí para servi-lo, com um senhorzinho satisfeito, isto é, alguém que (MARÍAS, 1991, p. 246): “não conhece o valor do que goza, não se dá conta de aquilo foi feito com grande talento e esforço para torná-lo possível.” Assim, com essa ignorância, contribui para minar a civilização (ibidem): “penosamente criada, produz uma involução, uma regressão, um renascimento da barbárie, em meio a todos os refinamentos.”

Apesar das críticas à sociedade de massa daqueles dias, Ortega é otimista e acredita ser possível superar a crise de cultura implementando ações de renovação social. Uma das propostas mais significativas de formação do novo homem e preparação da minoria se encontra na obra *Misión de la Universidad*. O livro representa uma proposta de superação da crise de cultura, que ele não considerava intransponível. No entanto, a mudança (PASCERINI, 2001, p. 272): “requer que o homem se exija a si mesmo e se proponha projetos inovadores, que assegurem a prosperidade da sociedade em que vive.” Portanto, teremos assim uma sociedade capaz de superar os efeitos dessa danosa crise de cultura não limitada pela superficialidade do homem (ibidem): “não se trata de um otimismo superficial e incondicional, mas que é alimentado pela confiança no homem, e sobretudo em sua capacidade de realizar projetos benéficos para a coletividade.”

Em *Misión de la Universidad* Ortega apresenta um novo tipo de integrante da minoria, alguém possuidor de um conhecimento (ORTEGA Y GASSET, 1994, v. IV, p. 321): “que o salva do naufrágio vital, viver sem que sua vida seja uma tragédia sem sentido ou radical aviltamento.” Isso se faz, desenvolvendo, ao lado da formação especializada, um ensino universitário amplo que forme um (id., p. 323): “sistema de ideias vivas que o tempo possui.” Esse ensino deverá oferecer uma formação à altura do tempo vivido porque (id., p. 324): “para andar com acerto na selva da vida tem que se ser culto, há de se conhecer sua topografia, suas rotas ou métodos; isto é, há de se ter uma ideia do espaço e do tempo em que se vive.” Uma tal capacidade vem com uma formação diferente da barbárie da especialização que se reduz a saber muito sobre uma porção ínfima do universo e desconhecer completamente todo o restante. A necessidade da especialização no ensino

levou a essa barbárie, porém se a ciência necessita do olhar do especialista, ela mesmo não se especializa. Por limitações do homem, o cientista moderno acabou moldado dessa forma. Tornou-se um novo bárbaro por lhe faltar um conhecimento que o colocasse à altura de seu tempo. E apenas uma formação ampla que lhe daria essa condição. Essa educação implicava também uma autoconsciência apurada de si, associada à consciência de um sentido próprio para viver que seria típica do homem autêntico ou maduro. O filósofo escreveu (id., p. 327): “o pecado original radica nisso: não ser autenticamente o que se é. Podemos pretender ser quanto nos queiramos, porém não nos é lícito fingir que somos o que não somos, consentir em arrancarmo-nos a nós mesmos, habituarmos a mentira substancial.” Portanto, a reforma universitária precisaria estimular essa forma de autenticidade que é estar de acordo consigo e agir de forma responsável e não infantil.

4. A sociedade de massa e o funcionário

Vilém Flusser é da geração seguinte à de Ortega y Gasset e elabora uma tipificação para o integrante dessa sociedade em crise. Denomina-o funcionário ou programador, considerando-o (FLUSSER, 1983, p. 37): “um tipo de homem que não existia em sociedades precedentes.” O que ele sugere parece ser uma atualização do homem-massa ou uma nova versão dele. O certo é que ele possui características do que Ortega y Gasset denominava massa e é, em certo sentido, massa, alguém que perdeu a condição humana. Esse homem sem nobreza o filósofo apresenta, em resumo, como alguém (BERNARDO, 2002, p. 170): “vestido num uniforme de funcionário para funcionar em função do aparelho, e que os funcionários, quando se tornam coisas funcionantes, não podem ser chamados a rigor de seres humanos.” Flusser estabelece uma diferença em relação à caracterização orteguiana do homem contemporâneo, porque faz uma leitura própria da sociedade de hoje. Em síntese, encontramos numa sociedade três tipos de trabalho, numa sociedade agrária (FLUSSER, 1983, p. 33): “o servo se assume rebanho, e assume a classe dominante como pastores”. Na sociedade industrial (*ibidem*): “o operário se assume massa, e a classe dominante como martelo.” Na sociedade contemporânea, pós-industrial a maioria seria de funcionários administrativos (serviços e *white collars*), a minoria operários, e ínfima minoria de camponeses. Nesse sentido, no mundo contemporâneo, a maioria dos homens propriamente não trabalha, ocupa-se servindo aos aparelhos como instrumento.

Flusser, raciocina, portanto, com os conceitos minoria e maioria, mas considera a dinâmica entre elas de modo diferente de Ortega y Gasset, não cabendo à minoria assumir a liderança na condução do processo histórico. Para o filósofo espanhol, a minoria é aquela parcela que assume sua própria vocação com excelência e, por isso, é a parcela da sociedade comprometida com o caráter heroico e disposta a oferecer o melhor de si na realização das suas tarefas. A minoria, para Flusser, diversamente, refere-se à quantidade de trabalhadores dedicados a uma atividade e não propriamente um grupo possuidor de inteireza de caráter. Além disso, Flusser usa massa para designar a maioria na sociedade industrial, na sociedade pós-industrial denomina essa maioria por funcionário.

Há um termo conexo à funcionário essencial para entendê-lo. Flusser o denomina aparelho. Não o emprega como realidade natural, como aparelho digestivo ou respiratório, por exemplo, mas em sentido cultural. Os bens culturais são ou destinados ao consumo ou a produzir bens de consumo e, nesse caso, são nomeados de instrumentos. Pois bem, esses instrumentos aparecem em duas formas, antes da revolução industrial e depois dela. Antes os instrumentos eram pensados em função do homem, depois a relação inverteu-se e passou-se a utilizar os instrumentos como realidades fixas em torno das quais passou a viver a humanidade. Numa sociedade industrial o custo das máquinas fez com elas fossem adquiridas apenas por poucos homens, os capitalistas, enquanto os trabalhadores funcionavam em proveito delas.

A sociedade atual se modificou bastante e é nela que os aparelhos se destacam. Numa sociedade industrial (FLUSSER, 2011, p. 41): “a categoria fundamental (...) é o

trabalho. Instrumentos trabalham. Arrancam objetos da natureza e os informam.” No entanto, os aparelhos propriamente não trabalham, mas modificam o mundo e, portanto, (*ibidem*): “não são instrumentos no significado tradicional do termo.” O funcionário pode ser comparado ao fotógrafo e é esse tipo de atividade que ocupa a maioria das pessoas. O fotógrafo propriamente não trabalha, ele atua, produz símbolos e os guarda. Observa Flusser que (*ibidem*): “escritores, pintores, contadores, administradores sempre fizeram o mesmo. O resultado desse tipo de atividade são mensagens: livros, quadros, contas, projetos.” Esses produtos são lidos, contemplados e orientam futuras escolhas. Logo, não faz sentido entender a sociedade de hoje como fizera Marx, considerando os trabalhadores como proletariado, pois sua relação com o objeto é diferente. Hoje a maioria não trabalha na indústria e se dedica a atuar por um aparelho. O funcionário (*id.*, p. 43):

Não se encontra cercado de instrumentos (como o artesão pré-industrial), nem está submetido à máquina (como o proletário industrial), mas encontra-se no interior do aparelho. Trata-se de uma função nova, na qual o homem não é constante nem variável, mas está indelevelmente amalgamado ao aparelho. Em toda função aparelhística, funcionário e aparelho se confundem.

O aparelho precisa conter um programa rico, que não seja esgotado pelo funcionário, de modo que esse possa sempre tirar novas possibilidades do aparelho. Do contrário o funcionário conseguiria esgotá-lo e tudo estaria terminado. A competência do funcionário deve ser menor ou ser parte da totalidade da competência do aparelho. Por isso, Flusser denomina o aparelho de caixa preta já que ele nunca apresenta tudo o que possui. Isso pode ser comparado à atuação do fotógrafo que conhece como alimentar o aparelho fotográfico e como tirar dele fotografias, mas não conhece seu funcionamento interior. Ao ignorar o que se passa dentro da máquina é, no fundo, controlado por ele, mesmo quando têm a impressão de estar no controle, ou tendo o controle apenas de uma parte do processo. Aparelho e funcionário se misturam, explica (*id.*, p. 44): “tal amálgama de dominações – funcionário dominando o aparelho que domina – caracteriza todo o funcionamento de aparelhos.” O funcionário exerce um tipo de domínio para o qual não está completamente habilitado.

A relação do funcionário com o aparelho não é como a do operário na indústria ou do camponês no campo. Ele propriamente não trabalha, o aparelho faz isso e ele apenas brinca. Isso se parece ao que faz o fotógrafo que deixa ao aparelho a tarefa de fazer o trabalho, as fotos e ele apenas se diverte com o aparelho. Como se vê, Flusser não considera o que o fotógrafo está fazendo como trabalho, porque o aparelho não tem a função dos antigos instrumentos de trabalho, embora essa seja difícil fazer essa distinção na prática.

Aparelhos também estabelecem entre si uma relação de implicação e não apenas o amálgama funcionário-aparelho, existe uma relação semelhante entre aparelhos. A máquina de fotos e a indústria que a produz são dois tipos de aparelhos que se interrelacionam. E há mais, o parque industrial é um aparelho programado para produzir a indústria das máquinas fotográficas. E além dele há outro, o aparelho político-cultural, de tal forma que não se chega a um último aparelho, pois os programas vão se abrindo. Ainda que Flusser não considere, há sem dúvida, quem de cima controla os últimos aparelhos, um grande conglomerado financeiro ou algo assim. Da mesma forma que não há efeito sem causa no olhar atento de Aristóteles, há alguém no final desse processo aparelhístico.

Flusser observa, ainda, outra diferença básica em relação ao momento anterior da economia, é que nesse novo momento, importa menos quem é o dono do aparelho do que quem consegue dominar o programa. Ele explica (*id.*, p. 47): “ao comprar um aparelho fotográfico, não pago pelo plástico e aço, mas pelas virtualidades de realizar fotografias.” E as relações entre os aparelhos aponta para o infinito, o fotógrafo tem poder sobre quem vê a fotografia, a máquina tem sobre ele, a indústria sobre a máquina. Nessa hierarquia, o poder se dilui e se desumaniza. Assim funciona (*ibidem*): “a sociedade da informática e

imperialismo pós-industrial.” Na relação entre o fotógrafo e sua máquina estão em germe as relações da sociedade pós-industrial.

5. Uma filosofia para transformar esses dias

O estudo de Flusser nos coloca diante da difícil tarefa de entender o papel da Filosofia nesse mundo da pós história, em crise, e dominado por aparelhos com automação e espírito de jogo. Ele considera que esse mundo dos funcionários e dos aparelhos, caracterizado por conceitos como imagem, programa e informação e não é um mundo que possa ser captado por categorias da razão como a causalidade porque nele os acontecimentos não se repetem. Isso significa que o pensamento linear ou histórico já não se ajusta a esses novos tempos que vivemos.

Em certo sentido, ele avalia, a ciência já caminha para construir novos modelos de entendimento do mundo, coerentes com esse novo olhar sobre a realidade. Trata-se de uma ciência pós newtoniana, com elementos bem diferentes dos mencionados na *Crítica da Razão Pura*, de Kant. A compreensão de um universo em expansão, por exemplo, finito mas enorme e que teve origem numa explosão inicial já traduz a ideia de uma realidade que onde as informações vão rapidamente se desinformando. Esse cosmo cujos movimentos são ao acaso destina-se à morte térmica, sendo ele próprio um aparelho que aponta para caos. As teorias cosmológicas que surgem para entendê-lo mostram que a (id., p. 103): “ciência está virando dança sem centro e se afastando do significado. Nesse nível, a conversação ocidental encontra-se ameaçada de estagnação e mutismo wittgensteiniano.” Essa forma de pensar própria desses nossos dias deve valer para todas as ciências, embora Flusser não detalhe como. Essa mudança parece que já vai aparecendo na medida em que o homem contemporâneo passou a pensar como os computadores.

O pensador avalia que a filosofia contemporânea se afastou do ser e de Deus, para ficar recentemente presa na linguagem. Ele diz (id., p. 104): “o espanto primordial, a prostração em face do de tudo diferente, a alienação do de tudo diferente de si mesmo que deu origem ao intelecto, estão *toto coelo* distantes do pensamento ocidental.” O distanciamento completo do ser ou de Deus levou o pensamento contemporâneo à conversa fiada. No início do processo cultural os participantes do processo não se davam conta dessa distância do ser, mas com o andar da tradição filosófica ela fica clara e dá origem a diferentes questões de natureza epistemológica. Aí então (*ibidem*): “o abismo que separa o pensamento do inarticulável torna-se visível.” Então, essa festa que é o pensamento distanciado do ser resulta na alienação que é a marca atual da conversa ocidental. Parece ao pensador possível participar da festa sem caminhar para a alienação. É possível fazer algo que o homem primitivo não tinha consciência, preservar a distância do de tudo Diferente (id., p. 105): “sabemos também que o intelecto é a nossa maneira de seres pensantes de adorar e orar sobre o de tudo diferente”. Se o pensamento identifica o Diferente pode adorá-lo e transforma-se, de instrumento de poder, em instrumento de adoração, é esse o verdadeiro papel do pensamento.

Na avaliação de Flusser, se o pensamento der esse passo em direção à adoração de Deus então a máquina já não será instrumento de conquista e a ciência se converterá (id., p. 106): “em oração consciente, reconhecendo-se como atividade religiosa.” Ela deixará de ser uma disciplina autossuficiente e será uma forma de louvor ao articulado. Essa parece ser uma necessária correção de rumo porque uma vez realizada (id., p. 107): “o fundamento religioso, sobre o qual o pensamento ocidental, como todo pensamento, se baseia, se redescobriria e se reformularia.” E então o pensar estaria próximo do de Tudo diferente.

6. Considerações finais

Ortega y Gasset e Vilém Flusser dedicam-se aos dilemas do homem contemporâneo e consideram suas dificuldades. Ambos enxergam os desafios da

sociedade contemporânea. Ortega atualiza as observações feitas em *Rebelión de las masas*, em meados do século, no prólogo para os franceses e epílogo para os ingleses. Essa atualização confirma o fortalecimento de uma sociedade de massas. Flusser observou essa sociedade um pouco depois, na segunda metade do século, mas a enxerga também como massa. Parece que o notável nas duas análises é que elas antecipam aspectos que se revelaram melhor algumas décadas depois do que escreveram. O que dizem ainda está se consolidando e parece real muitos anos, mesmo décadas, depois de feita a análise. Esses escritos sobre o homem e a sociedade podem ser vistos com outros olhares, mas são essencialmente livros de Filosofia, ocupam-se da realidade humana em seu sentido mais amplo.

Um outro aspecto importante dessa tipificação é que a minoria de Ortega e o funcionário de Flusser não se confundem com classe social, mas traduzem uma certa forma de comportamento. Esse tipo predominante é descrito por ambos por uma função. Há aqui uma diferença importante. Para Ortega essa função exercida pela minoria é uma especialidade, uma missão para a qual alguém está excepcionalmente qualificado, enquanto que em Flusser a minoria é um grupo que ocupa pequeno espaço na vida social. Ocupa uma função remanescente como um camponês ou operário de fábrica. As majorias se aproximam, embora também tenham características diferentes. O funcionário não tem compromisso com a excelência, como o homem-massa de Ortega, mas antes está a serviço de um aparelho sobre o qual tem pouco ou nenhum controle. Assim também faz a massa, cumpre uma função e espera que sua vida seja um padrão para todos. Porém, Ortega y Gasset reserva à minoria a tarefa de recuperar a hegemonia do processo histórico, sendo responsável pelo destino humano. Essa responsabilidade não está no funcionário e nem em ninguém, sendo difícil imaginar quem recuperaria a responsabilidade pelo destino humano.

Essa ausência de responsabilidade de todos pelo que acontece deixa um problema na análise de Flusser. Se ninguém for responsável pelo acontecido, estando todos a serviço de aparelhos que se abrem indefinidamente a outros maiores, não há como resgatar o funcionário dessa função. Além disso, no fundo, há sempre alguns, uma minoria como entende Ortega, que têm na mão o controle dos aparelhos ou do processo histórico-cultural. Se essa minoria vai ou não assumir a responsabilidade desse protagonismo isso é uma outra história.

A diferença entre os pensadores também está no papel da Filosofia, comprometida com a vida para Ortega y Gasset e abrindo-se ao de todo Diferente para Flusser. Em ambos, contudo, com uma abertura para essa realidade última que não realiza de forma perfeita, mas em continuada aproximação.

A superação da crise de cultura passa em Ortega y Gasset pela educação do homem-massa e em Flusser pela nova forma de representar a realidade. Em ambos para tornar o homem a altura do seu tempo, embora cada um por um caminho distinto. Pela reedição das humanidades e síntese da ciência para Ortega, por uma nova linguagem para Flusser.

Referências

BERNARDO, Gustavo. *A dúvida de Flusser*. São Paulo: Globo, 2002. 316 p.

CARVALHO, José Mauricio de. Sugestões para o estudo da política contidas no *Espectador* de Ortega y Gasset. In: *Estudos Filosóficos*. São João del-Rei: n. 3, jul./dez. de 2009. p. 11-23.

_____. Estado e nação no pensamento de Ortega y Gasset. p. 124-142. In: *Estudos Filosóficos*. São João del-Rei: UFSJ, n. 6, jan./jun. de 2011.

_____. Ortega y Gasset e a ditadura das massas. p. 217-235. In: BENJAMIN, C. C, PICOLI, R. A, SILVA, F. B. e BUENO, R. *Ditadura*. São Paulo: Max Limonad, 2017.

_____. *Delfim Santos e o desenvolvimento humano*. Porto Alegre: MKS, 2018. 303 p.

DACAL, Guillermina Alonso. La rebelión de las masas; pronóstico de una realidade desafiante. p. 273-279. In: **Revista de Estudios Orteguianos**. v. 2, Madrid: Fundación Ortega y Gasset, 2001.

ESTEBAN, Pedro Luis Moro. La crisis del deseo. La rebelión de las masas a la luz de Meditación de la técnica. In: *Revista de Estudios Orteguianos*. Madrid: Fundación Ortega y Gasset, v. 2, 2001. p. 215-222.

FLUSSER, Vilém. *Pós-História, vinte instantâneo e um modo de usar*. São Paulo: Duas Cidades, 1983. 168 p.

_____. *Filosofia da caixa preta*. São Paulo: Annablume, 2011. 108 p.

GRAY, Rockwell. *José Ortega y Gasset, el imperativo de la modernidad*. Madrid: Espasa Calpe, 1994. 397 p.

LAVEDÁN, Maria Isabel Ferreiro. La docilidade de las masas en la teoría social de Ortega y Gasset. p. 223-229. In: *Revista de Estudios Orteguianos*. v. 2, Madrid: Fundación Ortega y Gasset, 2001.

MARÍAS, Julian. *Acerca de Ortega*. Madrid: Espasa Calpe, 1991. 276 p.

ORTEGA Y GASSET, José. La rebelión de las masas. p. 113-310. *Obras Completas*. v. IV, Madrid: Alianza, 1994.

_____. Misión de la Universidad. p. 311-353. *Obras Completas*. v. IV, Madrid: Alianza, 1994.

PASCERINI, Maria Cristina. Reflexiones sobre la crisis de la vida colectiva en *La rebelión de las masas*. Una visión dantesca de la sociedade? In: *Revista de Estudios Orteguianos*. Madrid, Fundación Ortega y Gasset, v. 2, 2001. p. 264-272.

PIMENTEL, Berta. Crise e sentido ou a missão de José Ortega y Gasset. In: *Arquipélago - Filosofia*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, v. 6, 1998, p. 145-175.

STEIN, Ernildo. *A caminho de uma fundamentação pós-metafísica*. Porto Alegre: Edipucrs, 1997. 163 p.

Doutor em Filosofia (Universidade Gama Filho, 1990)
Professor do Centro Universitário Presidente Tancredo Neves, MG
E-mail: mauricio@ufsj.edu.br